CAPÍTULO 4

LITERATURA SURDA: IDENTIDADE, MEMÓRIA, CULTURA E EXPERIÊNCIAS VISUAIS

https://doi.org/10.68044/7y46dc82

Herivelton de Vasconcelos Vitor [1]
Mestrando em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)

Marcos Pretto [2]
Mestre da Tradução pela UNB- Universidade Federal Brasília e Instituição no CAS- Goiânia

Michael Vinicius dos Santos Milhoranse [3]
Estudando Pós-graduação de Libras (faculdade Líbano) Superior Pedagogia de bilíngue (INÊS/DESU)

Alex de Almeida Canto [4]
Graduado em Letras Libras/português pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Danielle Adryane costa da Silva [5]
Graduação em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua, pela Universidade de Brasília

Gerson Ramalho Junior [6]
Mestrado em letras pela PPGL da Universidade Federal da Paraíba-UFPB servidor docente da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG.

RESUMO: Este artigo discute a literatura surda como produção cultural vinculada às experiências visuais, às identidades, às memórias coletivas e às formas de expressão das comunidades surdas. O objetivo é analisar como narrativas, poesias, adaptações, performances e produções em Libras contribuem para a autorrepresentação, a transmissão cultural e a construção de sentidos sobre o ser surdo. Trata-se de estudo bibliográfico, fundamentado em pesquisas sobre literatura surda, cultura, identidade, memória, letramento literário, poesia sinalizada e experiência estética. Os estudos analisados mostram que a literatura surda ultrapassa a presença de personagens surdos, pois envolve língua de sinais, pertencimento cultural, visualidade, protagonismo e resistência a representações ouvintistas. Evidenciam também que registros em vídeo, escrita de sinais, livros e ambientes digitais ampliam a circulação das produções e preservam memórias intergeracionais. Conclui-se que a literatura surda constitui espaço estético, linguístico, político e cultural de reconhecimento, formação identitária e afirmação da diferença surda na sociedade contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Literatura surda; Identidade surda; Cultura surda; Memória; Experiência visual.

INTRODUÇÃO

A literatura constitui uma das formas por meio das quais diferentes grupos humanos registram experiências, elaboram memórias, produzem representações e atribuem sentidos às relações sociais que os constituem. Quando considerada no âmbito das comunidades surdas, essa compreensão exige reconhecer particularidades linguísticas, culturais e perceptivas que ampliam o próprio conceito de produção literária. A literatura surda não pode ser delimitada exclusivamente pelas convenções historicamente associadas ao texto escrito, uma vez que se constitui também na língua de sinais, na performance corporal, nas imagens, na espacialidade, na

expressão facial, nos movimentos e em variadas formas de registro visual.

No cenário brasileiro, as discussões sobre literatura surda vêm se consolidando progressivamente a partir da articulação entre Estudos Surdos, Estudos Culturais, Linguística das Línguas de Sinais, Estudos Literários, Educação Bilíngue e Estudos da Tradução. Karnopp (2006, p. 98-109), ao analisar obras como *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, evidencia que a produção de uma literatura surda se encontra diretamente vinculada às discussões acerca da cultura, da identidade e da diferença. Para a autora, textos e imagens dessas obras possibilitam observar movimentos de autorrepresentação das comunidades surdas, especialmente mediante a presença da língua de sinais e de formas próprias de narrar e ressignificar histórias.

A literatura surda, portanto, não se define simplesmente pela inclusão de uma personagem surda em uma narrativa. Karnopp (2010, p. 155-174) demonstra que determinadas produções podem tematizar a surdez e, ainda assim, permanecer fundamentadas em concepções de superação, compensação ou normalização. Em direção distinta, as produções identificadas com a literatura surda apresentam pertencimento cultural, língua de sinais, experiências de vida, formas de existência e processos de autorrepresentação que deslocam a pessoa surda da posição de objeto narrado para a de sujeito produtor de sua própria narrativa.

Essa perspectiva é aprofundada por Boldo e Schlemper (2018, p. 79-92), que relacionam diretamente literatura surda, cultura, identidade, língua de sinais e experiência visual. Segundo as autoras, a literatura possibilita a transmissão de identidades e culturas surdas independentemente do país de origem ou do suporte no qual a produção se encontra. A experiência visual não funciona, nessa compreensão, como elemento complementar à literatura, mas como dimensão estruturante de modos de ler, narrar, criar, interpretar e comunicar experiências.

Tal aspecto torna-se especialmente significativo quando se observa que as comunidades surdas possuem longa tradição de histórias transmitidas em língua de sinais. Antes da ampliação dos meios tecnológicos de registro, narrativas, piadas, relatos, poesias e outras manifestações circulavam principalmente de maneira presencial. Lemos e Romão (2023, p. 47-62) destacam que as histórias contadas em sinais constituem mecanismos importantes de transmissão da herança cultural entre gerações. Dessa maneira, memória, língua e literatura estabelecem uma relação estreita: a memória coletiva alimenta as narrativas, enquanto as narrativas colaboram para preservar e reconstruir essa memória.

As experiências visuais também se mostram centrais na produção artística surda. Rosa (2006, p. 58-64) enfatiza que o acesso visual à informação interfere na relação da pessoa surda com textos,

imagens e materiais literários. O autor argumenta que a associação entre mídia e literatura pode favorecer o fortalecimento da identidade e da cultura, oferecendo condições para que sujeitos surdos construam e registrem seu imaginário por meio de formas cultural e linguisticamente significativas.

Ao lado das narrativas impressas e das adaptações literárias, a poesia em língua de sinais amplia as possibilidades de compreensão da literatura surda como produção estética. Sutton-Spence (2014, p. 111-128) demonstra que a poesia sinalizada pode favorecer desenvolvimento linguístico, expressão de emoções, identidade e participação cultural. Lopes, Barbosa e Oliveira (2022, p. 1-10), por sua vez, analisam a poesia em Libras a partir da estética da recepção, destacando recursos como movimentos, expressões faciais, configurações de mãos, imagens, ritmo, corporalidade e referências culturais na construção da experiência artística.

A produção poética sinalizada também pode assumir caráter político e contestatório. Desiderio e Jardim (2021, p. 127-144) analisam o slam surdo como literatura de resistência, mostrando que as performances poéticas permitem a emergência de discursos que contestam representações ouvintistas e reivindicam outras possibilidades de existência. Medeiros et al. (2021) acrescentam que produções poéticas em Libras abordam injustiças sociais, direitos linguísticos e experiências de grupos historicamente silenciados,

demonstrando que a literatura surda não se restringe à afirmação de uma identidade homogênea, mas pode incorporar múltiplas experiências sociais.

Com isso, torna-se necessário compreender a identidade surda de maneira plural e dinâmica. As comunidades surdas não constituem grupos uniformes. Diferentes trajetórias familiares, educacionais, linguísticas, regionais, raciais, geracionais e sociais interferem na constituição dos sujeitos e, consequentemente, nas formas de produzir e receber literatura. Schlemper e Albres (2023, p. 23-46), ao analisarem marcas culturais ideológico-discursivas em obras da literatura surda, mostram a presença de temas como isolamento linguístico, relações familiares, descoberta da língua de sinais, pertencimento, valores comunitários e relações entre surdos e ouvintes.

Outro aspecto importante refere-se à formação de leitores. Gomides, Carvalho e Rocha (2021, p. 735-747) demonstram que o letramento literário de pessoas surdas se desenvolve em processos sociais e históricos nos quais a Libras assume posição central. A formação do leitor surdo não depende apenas de disponibilizar textos escritos, mas da construção de ambientes linguísticos, culturais e educacionais capazes de garantir acesso às práticas literárias de maneira significativa. As redes sociais e os recursos digitais passaram

ainda a potencializar performances e a circulação de produções representativas das comunidades surdas.

A literatura infantil surda também ocupa papel expressivo nesse processo. Pereira e Pinto (2023, p. 63-83) argumentam que a criança surda tem direito à fabulação e ao contato com obras que contemplem sua língua, identidade e cultura. Ao mesmo tempo, os autores alertam para a necessidade de evitar que a literatura seja reduzida exclusivamente a instrumento pedagógico. O valor identitário das obras não elimina sua dimensão estética; ao contrário, o amadurecimento da literatura surda implica ampliar sua capacidade artística, simbólica e plurissignificativa.

Diante dessas questões, este artigo tem como objetivo analisar a literatura surda como espaço de construção e circulação de identidade, memória, cultura e experiências visuais. Busca-se compreender de que maneira as produções literárias surdas possibilitam a autorrepresentação, registram experiências coletivas, mobilizam recursos visuais e estéticos e contribuem para o reconhecimento da diferença linguística e cultural das comunidades surdas.

O estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. O corpus teórico é constituído por artigos que discutem literatura surda, narrativas em Libras, poesia sinalizada, memória, identidade, cultura, visualidade, letramento literário, escrita

de sinais, produção estética e resistência. A análise organiza essas contribuições em eixos que possibilitam compreender a literatura surda não como manifestação periférica da literatura, mas como produção artística dotada de formas próprias de organização linguística, cultural e estética.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do conceito de literatura surda requer, inicialmente, reconhecer que as formas literárias não estão limitadas à escrita alfabética. As línguas de sinais são línguas naturais de modalidade visuoespacial e permitem a elaboração de narrativas, poesias, performances, jogos linguísticos, metáforas, humor e outras formas de criação estética. Dessa maneira, a literatura produzida pelas comunidades surdas pode circular em língua de sinais, em registros audiovisuais, em textos escritos, em sistemas de escrita de sinais ou em produções multimodais que combinam diferentes recursos.

Karnopp (2006, p. 98-109) constitui uma das referências fundamentais para a consolidação desse campo no Brasil. Ao estudar produções literárias destinadas às comunidades surdas, a autora vincula literatura, cultura e identidade. Isso significa que a adjetivação "surda" não corresponde simplesmente a uma classificação baseada nas condições auditivas de personagens ou autores; refere-se à emergência de um campo de produção cultural associado a

experiências, valores, línguas e formas de representação das comunidades surdas.

Mak e Verniano (2023, p. 180-200) retomam essa discussão e assinalam que a literatura surda continua sendo uma área relativamente recente no debate acadêmico. As autoras ressaltam que as possibilidades de produção envolvem tanto a Libras quanto a língua portuguesa escrita e sistemas como o SignWriting. Isso amplia o entendimento da materialidade literária, uma vez que a obra destinada ao leitor surdo pode articular modalidades linguísticas diferentes sem que uma delas precise ser considerada mera substituição da outra.

Gomides, Carvalho e Rocha (2021, p. 736) apresentam uma distinção relevante entre "literatura surda" e "literatura em Libras". Segundo a discussão mobilizada pelos autores, a literatura surda tende a designar produções que focalizam experiências e vidas das pessoas surdas, frequentemente produzidas por sujeitos surdos, enquanto a literatura em Libras refere-se às produções realizadas nessa língua, mesmo quando não possuem necessariamente uma temática relacionada às experiências sociais da surdez. Essa distinção evita que toda produção sinalizada seja automaticamente classificada como literatura surda e, simultaneamente, permite reconhecer produções surdas realizadas também em outros suportes linguísticos.

Ao discutir os critérios de pertencimento de uma obra à literatura surda, Karnopp (2010) evidencia que a presença isolada de

uma personagem surda não é suficiente. A análise precisa considerar o modo como língua, diferença, cultura, identidade e experiência são construídas. A autora afirma:

> Nem todos os livros que apresentam personagens surdos ou que tematizam a surdez fazem parte da literatura surda. O trabalho de análise do registro de histórias verificou que alguns dos livros produzidos referem o uso da língua de sinais, mas descontextualizado do pertencimento a uma comunidade de surdos. Representações de surdos ligadas à ideia de superação ou de compensação da surdez estão presentes em alguns dos materiais analisados. No entanto, outros livros focalizam o uso da língua de sinais por pessoas surdas, o pertencimento cultural, a questão da identidade e da cultura surda, presentes nos textos e/ou nas imagens (Karnopp, 2010, p. 172).

O excerto torna clara a necessidade de distinguir representações sobre a surdez de representações construídas a partir da experiência cultural surda. A literatura surda problematiza concepções nas quais a pessoa surda aparece fundamentalmente determinada por uma falta. Em seu lugar, ganha espaço um sujeito linguístico e cultural capaz de interpretar, produzir e reorganizar simbolicamente sua relação com o mundo.

Lemos e Romão (2023, p. 52), retomando a formulação de Karnopp, ressaltam que a literatura surda se realiza a partir das experiências visuais dos sujeitos surdos. Assim, a afirmação de

Karnopp (2010 *apud* Lemos; Romão, 2023, p. 52) de que a produção literária em sinais traduz a experiência visual permite entender que o aspecto visual não é somente um recurso de acessibilidade acrescentado posteriormente à obra. Ele participa de sua própria constituição.

As produções podem ainda ser organizadas em diferentes modalidades. Lemos e Romão (2023, p. 53-54) destacam três grandes movimentos recorrentes: tradução, adaptação e criação. A tradução disponibiliza em Libras obras originalmente produzidas em outras línguas. A adaptação modifica elementos linguísticos, culturais e identitários, incorporando experiências surdas em narrativas preexistentes. Já a criação corresponde a produções concebidas diretamente a partir de experiências, linguagens e referências das comunidades surdas.

Essa diferenciação é importante porque evidencia que adaptar uma narrativa não significa simplesmente substituir uma personagem ou inserir sinais em uma história tradicional. Boldo e Schlemper (2018, p. 83-84) mostram que adaptações culturalmente significativas alteram elementos da própria construção narrativa. Em obras como *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, por exemplo, a língua de sinais, o encontro com outros surdos, a comunicação visual e o reconhecimento identitário passam a integrar a organização da trama.

Gomides, Campello, Silva e Francioni (2021, p. 1-3) aprofundam essa discussão ao analisar *Cinderela Surda*. Para os autores, a obra se encontra situada em um contexto de produção cultural de um grupo linguístico minoritário e articula ilustrações, língua portuguesa e SignWriting. O processo de adaptação permite criar outras possibilidades de identificação, especialmente para crianças surdas, ao apresentar personagens e situações nas quais a língua de sinais e a cultura surda adquirem centralidade.

A partir disso, pode-se compreender a literatura surda como campo marcado pela coexistência de diferentes materialidades. O sinal, o corpo, o vídeo, a imagem, o livro, o português escrito e a escrita de sinais podem funcionar isoladamente ou de maneira integrada. A especificidade não está na eleição de um único suporte legítimo, mas na possibilidade de produzir sentidos fundamentados na experiência linguística, cultural e visual das comunidades surdas.

A literatura ocupa importante lugar nos processos de constituição identitária porque cria representações mediante as quais sujeitos e coletividades podem reconhecer-se, questionar-se e imaginar outras possibilidades de existência. No âmbito da literatura surda, essa dimensão adquire particular relevância em razão de uma história caracterizada por representações predominantemente produzidas por perspectivas externas às próprias comunidades surdas.

Karnopp (2006, p. 98-109) demonstra que as narrativas surdas possibilitam movimentos de autorrepresentação. Ao analisar textos e imagens, a autora identifica uma busca pelo estabelecimento de identidades e diferenças, legitimada pelo uso da língua de sinais e por modos próprios de narrar, traduzir e interpretar produtos culturais. A literatura transforma-se, assim, em espaço no qual sujeitos surdos não são apenas observados ou descritos, mas passam a produzir suas próprias imagens e discursos.

Karnopp (2010, p. 172) sintetiza essa dimensão ao afirmar:

Dos materiais analisados, percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da auto-representação na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem (Karnopp, 2010, p. 172).

A autorrepresentação possui, portanto, dimensão estética e política. A possibilidade de narrar-se interfere nas relações de poder que historicamente determinaram quais discursos sobre a surdez seriam considerados legítimos. Em lugar de narrativas que interpretam a pessoa surda exclusivamente pela deficiência, pela limitação ou pela necessidade de adaptação ao modelo ouvinte, emergem representações

baseadas no pertencimento linguístico, nas experiências visuais e nos vínculos comunitários.

Boldo e Schlemper (2018, p. 82) relacionam a constituição identitária aos encontros comunitários e à transmissão cultural. As autoras observam que memórias de vivências atravessam gerações e participam da construção de identidades. Nesse contexto, a tradição de encontros entre pessoas surdas em escolas, associações, clubes, famílias e outros espaços possibilita a circulação de histórias, crenças e valores. Bahan (2006 *apud* Boldo; Schlemper, 2018, p. 82) é mobilizado pelas autoras justamente para ressaltar o papel histórico dos encontros presenciais na transmissão cultural das comunidades surdas.

A identidade surda, entretanto, não deve ser compreendida como categoria fixa ou uniforme. Boldo e Schlemper (2018, p. 82-83) reconhecem a existência de identidades surdas plurais, constituídas nas relações com diferentes experiências culturais. Essa pluralidade impede que a literatura seja interpretada como expressão de uma essência única do "ser surdo". O que existe são múltiplas possibilidades de identificação, pertencimento e construção subjetiva.

Karnopp e Pokorski (2015, p. 355-373) reforçam essa compreensão ao investigar narrativas produzidas em Libras. As autoras analisam modos de ser surdo presentes em diferentes produções e concluem que as representações estão relacionadas a

práticas culturais historicamente construídas. As narrativas revelam experiências de exclusão, mas também enfatizam a língua de sinais e a comunidade surda como elementos de valorização da diferença.

A relação entre narrativa, cultura e memória aparece de maneira particularmente clara quando as autoras afirmam:

> No campo da literatura surda e da literatura em línguas de sinais, membros das comunidades surdas produzem e exercitam o prazer estético e a tradução cultural, oportunizando a circulação e o consumo da cultura surda. Através das histórias que são contadas e que circulam em comunidades surdas, é possível registrar a memória dessa comunidade, testemunhar suas práticas cotidianas e os significados partilhados sobre as experiências de ser surdo através de narrativas sinalizadas (Karnopp; Pokorski, 2015, p. 359).

Essa passagem evidencia que a literatura não apenas representa a cultura: ela também participa de sua produção, circulação e transformação. Narrativas transformam acontecimentos individuais em experiências compartilháveis e, nesse processo, podem produzir referências coletivas de identificação.

Schlemper e Albres (2023, p. 32-33) mostram que as obras literárias surdas carregam marcas culturais ideológico-discursivas relacionadas, entre outros aspectos, aos sentimentos de isolamento linguístico, aos problemas de comunicação familiar, à descoberta da língua de sinais, à alegria do encontro com outros sinalizantes, à

importância da educação em língua de sinais, às relações entre surdos e ouvintes e aos costumes das comunidades surdas.

Essas marcas não significam que todas as obras apresentem a mesma estrutura narrativa. Ao contrário, demonstram que determinadas experiências históricas e sociais se tornam recorrentes porque fazem parte de trajetórias compartilhadas por muitos sujeitos. A literatura reelabora essas experiências e cria formas estéticas de comunicá-las.

A representação da pessoa surda como protagonista constitui, nesse sentido, uma transformação significativa. Em narrativas construídas externamente às comunidades surdas, é frequente a surdez funcionar como problema a ser corrigido. Em muitas produções surdas, ao contrário, o conflito passa a residir nas barreiras linguísticas, nos processos de exclusão e na impossibilidade de acesso à comunicação, e não necessariamente na condição de ser surdo.

Gomides *et al*. (2021, p. 1-3) observam que produções como *Cinderela Surda* favorecem processos de identificação entre crianças surdas e personagens literários. A possibilidade de encontrar protagonistas que sinalizam, estabelecem relações por meio de uma língua visual e compartilham experiências culturalmente reconhecíveis permite que o texto literário participe do processo de construção de pertencimento.

A literatura, dessa forma, oferece condições para que as comunidades surdas questionem representações historicamente construídas e proponham outras imagens sobre si mesmas. A identidade não é simplesmente refletida pela literatura como algo previamente pronto. Ela é negociada e recriada por meio da linguagem, da memória, da visualidade e das experiências estéticas que cada obra torna possíveis.

Memória e literatura encontram-se estreitamente relacionadas. As narrativas permitem selecionar, reorganizar e compartilhar acontecimentos, transformando experiências em elementos simbólicos que podem atravessar gerações. Para as comunidades surdas, essa função adquire especial importância porque grande parte de suas histórias circulou durante longos períodos em formas sinalizadas e presenciais, sem necessariamente possuir registros escritos.

Lemos e Romão (2023, p. 49-50) destacam que as narrativas estão relacionadas à memória de um povo e possibilitam conhecer raízes, histórias e transformações sociais. As experiências narradas permitem compreender relações de poder e acontecimentos que marcaram diferentes gerações. Nesse sentido, narrar não significa apenas conservar um passado imutável, mas reinterpretar continuamente as experiências coletivas.

A memória é construída socialmente. As narrativas selecionam acontecimentos, atribuem significados e reorganizam temporalmente

fatos e experiências. Quando uma comunidade transmite histórias entre gerações, ela não apenas conserva informações; também ensina maneiras de interpretar o mundo, estabelece referências de pertencimento e cria continuidades simbólicas.

No caso das comunidades surdas, a língua de sinais desempenha papel decisivo nessa transmissão. Lemos e Romão (2023, p. 53) observam que pessoas surdas mais velhas continuam transmitindo histórias e experiências aos mais jovens, contribuindo para preservar heranças culturais. A língua de sinais torna-se simultaneamente meio de comunicação e patrimônio cultural, pois é por meio dela que narrativas, valores e experiências podem ser compartilhados.

Karnopp (2010, p. 171-172) ressalta que as histórias circulam em língua de sinais e repassam valores, orgulho, experiências de vida, trajetórias de lideranças e dificuldades vivenciadas em uma sociedade majoritariamente ouvinte. A autora afirma que a literatura surda pode ser entendida, em certo sentido, como tradição "em sinais", posteriormente registrada em vídeos, filmes ou traduções para a língua escrita.

A mudança dos suportes de registro provoca transformações importantes. Uma narrativa presencial depende da interação entre narrador e público em um determinado espaço e tempo. O vídeo, por sua vez, permite registrar a performance e ampliar sua circulação. A

internet e as redes sociais transformam ainda mais essa dinâmica, pois possibilitam que produções sinalizadas alcancem públicos geograficamente distantes e permaneçam disponíveis para acesso posterior.

Lemos e Romão (2023, p. 54) destacam que, ao lado de livros e da escrita de sinais, vídeos, blogs e plataformas digitais passaram a registrar diferentes gêneros literários. Esse processo contribui para que memórias de diversas gerações possam ser preservadas e compartilhadas. O registro audiovisual assume particular relevância porque mantém características fundamentais das línguas de sinais, como movimento, espacialidade, expressão facial e corporalidade.

A literatura pode atuar, desse modo, como arquivo cultural. Esse arquivo, entretanto, não deve ser entendido como depósito estático de acontecimentos. Cada produção reorganiza a experiência e estabelece novas relações entre passado e presente. Quando histórias antigas são recontadas, adaptadas ou performadas por novas gerações, elas adquirem sentidos relacionados às condições históricas do momento em que são novamente produzidas.

Lebedeff e Madeira (2015, p. 173-192) oferecem uma contribuição importante a essa discussão ao analisarem as crônicas de Jorge Sérgio L. Guimarães, publicadas entre as décadas de 1950 e 1960. O estudo demonstra que textos produzidos por um escritor surdo podem funcionar como documentos relevantes para compreender

representações da surdez em determinado período histórico. As crônicas revelam marcas do discurso clínico e oralista predominante naquela época e, simultaneamente, constituem registro da presença de um autor surdo no cenário literário e jornalístico.

O estudo das crônicas permite perceber que a memória surda não é construída apenas em textos recentes que explicitamente reivindicam uma identidade cultural. Produções de diferentes períodos precisam ser analisadas considerando as condições sociais e discursivas de seu tempo. Desse modo, textos históricos podem revelar tensões, contradições e transformações nas maneiras pelas quais os próprios sujeitos surdos se relacionaram com os discursos disponíveis sobre a surdez.

Desiderio e Jardim (2021, p. 129-130) também relacionam memória e cultura ao destacar a transmissão de histórias de lutas e conquistas entre gerações. As memórias contribuem para construir legados culturais e permitem que experiências anteriormente silenciadas sejam reinterpretadas sob novas perspectivas. A literatura de resistência é particularmente relevante nesse processo porque confronta versões históricas produzidas a partir das posições dominantes.

A memória surda, portanto, não corresponde apenas à recordação de acontecimentos vividos. Ela envolve formas coletivas de construir sentidos sobre o passado e utilizá-los na elaboração de

identidades presentes. Narrativas de proibição das línguas de sinais, experiências de isolamento linguístico, encontros comunitários, conquistas educacionais e movimentos culturais tornam-se materiais para novas produções literárias.

Essa dimensão possibilita compreender por que a literatura surda frequentemente articula memória e protagonismo. Ao contar histórias a partir do olhar dos próprios sujeitos surdos, desloca-se o centro narrativo. A pessoa surda deixa de aparecer apenas como destinatária de políticas, tratamentos ou práticas educacionais e torna-se narradora de suas próprias experiências históricas.

A visualidade ocupa posição central na cultura e na literatura surdas. Isso não significa afirmar que todas as pessoas surdas possuem experiências idênticas ou que a visão possa ser reduzida a uma característica biológica. A experiência visual refere-se também a modos culturalmente produzidos de organizar a comunicação, a percepção, a linguagem e a interação social.

Rosa (2006, p. 59) discute diretamente a importância da relação entre visualidade e literatura. Para o autor:

> Como o surdo utiliza a visão para obter informações, a união da mídia e da literatura cria condições para que haja um fortalecimento da identidade, cultura e de conhecimento da surdez. Pesquisar como se desenvolvem estes aspectos conjuntamente fará com que a expressão da arte e da literatura surda seja registrada em livros e em materiais midiáticos, capazes

> de manifestar a diferença linguística e cultural de surdos, através do caminho da auto-representação (Rosa, 2006, p. 59).

A afirmação permite compreender que imagem, texto e língua de sinais podem funcionar de maneira articulada na formação do leitor surdo. Rosa (2006, p. 59-62) destaca ainda que crianças surdas desenvolvem aprendizagens por meio da leitura e da experiência visual e que materiais literários precisam oferecer condições para ampliar capacidades de leitura, criatividade e produção de significados.

A visualidade, entretanto, não pode ser interpretada apenas como ilustração destinada a "facilitar" um conteúdo escrito. Nas produções surdas, o visual pode assumir função estética, narrativa e linguística. Imagens, movimentos, posicionamentos corporais, configurações de mãos e expressões faciais contribuem diretamente para a construção dos sentidos.

Schlemper e Albres (2023, p. 33) evidenciam que, em obras infantojuvenis, texto verbal e elementos visuais podem constituir um processo discursivo integrado. A visualidade deixa de ocupar posição subordinada e participa ativamente da composição do enunciado literário. Esse aspecto aproxima a literatura surda de debates contemporâneos sobre multimodalidade, nos quais diferentes modos semióticos atuam simultaneamente na produção de significação.

Boldo e Schlemper (2018, p. 82-84) também associam identidade visual e literatura. Para as autoras, as formas pelas quais sujeitos surdos leem as relações sociais e se apropriam visualmente de experiências do cotidiano podem ser transformadas em narrativas, piadas, histórias e outras produções. Dessa forma, a visualidade se apresenta tanto como condição de percepção quanto como linguagem cultural.

Nas produções poéticas em Libras, essa dimensão torna-se ainda mais evidente. Lopes, Barbosa e Oliveira (2022, p. 1-10) analisam o poema *Farol da Barra* e demonstram que a experiência estética é construída mediante a interação entre recursos linguísticos, imagens, movimentos, conhecimentos compartilhados e expectativas do receptor. O poema mobiliza referências históricas e culturais e transforma elementos da língua de sinais por meio de procedimentos estéticos.

Segundo Lopes, Barbosa e Oliveira (2022, p. 9), a poiesis pode manifestar-se nas escolhas estilísticas do poeta, envolvendo expressões faciais, ritmo, repetição, simetria, metáforas, imagens e escolhas lexicais. A aisthesis ocorre quando o receptor confronta seu conhecimento prévio com a linguagem poética elaborada na performance. Já a katharsis relaciona-se ao efeito comunicativo e à possibilidade de ressignificação desencadeada pela obra.

A análise demonstra que a literatura em língua de sinais possui condições para ser estudada por teorias estéticas sem precisar ser convertida previamente aos parâmetros da literatura escrita. A obra sinalizada produz suas próprias relações entre forma, conteúdo e recepção. Movimento, espaço e corpo funcionam como elementos constitutivos da linguagem artística.

Lopes, Barbosa e Oliveira (2022, p. 10) denominam essa manifestação de literatura visual relacionada às "mãos literárias", capazes de construir universos de significados e relações entre obra e receptor. Essa concepção é importante porque amplia o reconhecimento da literatura para além da centralidade histórica atribuída à palavra impressa.

A visualidade também participa da elaboração metafórica. Murta, Sales e Silva (2023, p. 103-117) analisam metáforas na Libras e ressaltam que expressões faciais, corporais e configurações de mãos possibilitam construir imagens e transmitir significados complexos, abstratos e emocionais. As metáforas expandem a linguagem para além do literal e participam da criatividade literária.

Segundo Murta, Sales e Silva (2023, p. 115), os recursos metafóricos contribuem para construir representações visuais capazes de expressar conceitos que não necessariamente possuem correspondência literal direta. Essa produção revela que a modalidade

visuoespacial não restringe a abstração; ao contrário, oferece recursos específicos para a construção de relações metafóricas e poéticas.

A experiência visual, portanto, não deve ser confundida com uma suposta simplificação da linguagem. A poesia, a metáfora e a performance sinalizada demonstram elevado potencial de abstração, ambiguidade, polissemia e experimentação formal. A literatura surda desafia concepções segundo as quais a produção artística dependeria prioritariamente da escrita alfabética.

A poesia em língua de sinais constitui uma das manifestações mais expressivas da literatura surda contemporânea. Nela, corpo e língua tornam-se inseparáveis: mãos, tronco, rosto, olhar, movimento, ritmo e espaço participam da construção poética. A performance não é um elemento externo ao poema, mas parte de sua própria materialidade.

Sutton-Spence (2014, p. 111-128) argumenta que a poesia sinalizada possui importância linguística, cultural e educacional. Crianças e jovens surdos podem encontrar nela possibilidades de exploração criativa da língua, expressão emocional e fortalecimento identitário. O contato com poetas e produções sinalizadas possibilita perceber a língua de sinais como instrumento capaz de produzir efeitos estéticos complexos.

A poesia estimula ainda a consciência sobre a própria estrutura linguística. Sutton-Spence (2014, p. 119-120) observa que produções

poéticas podem chamar atenção para configuração das mãos, simetria, velocidade, espaço, elementos não manuais e outras possibilidades expressivas. Ao brincar com convenções linguísticas, a poesia torna visíveis características que, no uso cotidiano da língua, podem não ser percebidas de maneira consciente.

A relação entre poesia e experiência pessoal também é significativa. Sutton-Spence (2014, p. 121-122) mostra que a poesia sinalizada pode oferecer espaço para que pessoas surdas expressem emoções e experiências próprias. Isso é especialmente relevante em contextos nos quais crianças e jovens tiveram poucas oportunidades de encontrar produções culturais que dialogassem diretamente com suas vivências linguísticas.

Lemos e Romão (2023, p. 55-56) ressaltam que a linguagem da poesia em Libras é fortemente visual e se diferencia da linguagem cotidiana por seu trabalho estético. Poetas podem reorganizar sinais, explorar ritmos, criar imagens e projetar sentidos mediante recursos específicos da língua. A experiência sensorial surda torna-se, dessa maneira, matéria poética.

A poesia surda também pode atuar como forma de resistência. A resistência não significa que toda produção deva possuir caráter explicitamente político. Entretanto, a própria utilização pública da língua de sinais em espaços historicamente dominados pelas línguas orais já pode produzir deslocamentos simbólicos.

Desiderio e Jardim (2021, p. 127-144) investigam essa dimensão no slam surdo. As competições poéticas permitem que sujeitos surdos apresentem narrativas relacionadas a opressões linguísticas, identidades, experiências sociais e reivindicações. A performance transforma o corpo em lugar de produção de discurso e confronta expectativas construídas a partir de modelos ouvintistas.

Os autores descrevem esse processo nos seguintes termos:

> As poesias externam o grito de resistência de um povo amordaçado por séculos por não corresponder ao padrão social ouvinte, o qual determinava a língua oral como única forma de expressão linguística. Os poemas de slam são produções literárias que fortalecem as vozes silenciadas de um coletivo em uma disputa política que acontece no campo de batalhas poéticas (Desiderio; Jardim, 2021, p. 132).

O slam constitui, assim, espaço no qual memória, identidade, língua e performance se encontram. A poesia pode recuperar experiências dolorosas e, ao mesmo tempo, reorganizá-las como afirmação, denúncia e criação. O corpo que anteriormente foi alvo de tentativas de controle linguístico torna-se corpo produtor de linguagem artística.

Medeiros *et al*. (2021) ampliam esse debate ao analisar poesias surdas relacionadas a injustiças sociais e direitos humanos. Os autores mostram que as produções circulam em saraus, slams, festivais, congressos, redes sociais e plataformas de vídeo. As temáticas incluem

privação linguística, desigualdades sociais, raciais e de gênero, direitos e padrões estéticos.

Essa diversidade evidencia que a literatura surda não deve ser reduzida a uma única pauta identitária. A experiência de ser surdo cruza-se com diferentes pertencimentos e desigualdades. Consequentemente, poetas surdos podem produzir discursos que articulam questões linguísticas a debates sobre raça, gênero, classe, sexualidade e outras dimensões da vida social.

Para Medeiros *et al.* (2021), a circulação das poesias em Libras contribui para o conhecimento de diferentes gêneros literários, para o sentimento de pertencimento a um grupo linguístico e cultural e para o empoderamento dos sujeitos. Os elementos intersemióticos e multimodais presentes nessas produções ampliam ainda o alcance expressivo da obra.

A poesia sinalizada demonstra, portanto, que a literatura surda não se resume à representação da surdez em conteúdos narrativos. Sua especificidade pode estar na própria maneira de produzir artisticamente a língua e o corpo. A forma literária torna-se espaço de invenção, e a visualidade transforma-se em princípio estético.

O desenvolvimento de tecnologias audiovisuais provocou alterações significativas na produção e circulação da literatura em línguas de sinais. Por tratar-se de línguas cuja materialização envolve movimento e espacialidade, o vídeo tornou possível registrar

dimensões que dificilmente poderiam ser integralmente preservadas por uma transcrição alfabética.

Lemos e Romão (2023, p. 54) observam que narrativas anteriormente registradas em CDs e DVDs passaram a circular também em blogs e plataformas de compartilhamento de vídeos. Esse processo amplia a visibilidade das produções e contribui para preservar memórias de diferentes gerações. A literatura sinalizada deixa de depender exclusivamente do encontro presencial e passa a atingir públicos mais amplos.

A tecnologia não elimina, entretanto, a importância da performance. O vídeo registra justamente o corpo em movimento, permitindo manter configurações de mãos, expressões, ritmos, direções, deslocamentos e utilização do espaço. Desse modo, a mediação tecnológica pode funcionar como arquivo da performance.

Gomides, Carvalho e Rocha (2021, p. 735-747) mostram que redes sociais potencializam a circulação de performances literárias e produções representativas das comunidades surdas. Para os autores, práticas de letramento literário precisam ser compreendidas socialmente, incluindo os diferentes ambientes nos quais sujeitos entram em contato com textos e performances.

O crescimento dos ambientes digitais também modifica a posição do leitor. Em plataformas de vídeo e redes sociais, espectadores podem comentar, compartilhar, recriar e responder às

produções. O consumo literário torna-se parte de circuitos de interação e circulação cultural mais amplos.

Medeiros *et al.* (2021) identificam precisamente esse deslocamento ao observar a presença de videopoesias e performances em ciberespaços. Os ambientes digitais tornam-se locais de visibilidade artística e política, possibilitando a circulação de produções que anteriormente permaneceriam restritas a determinados espaços comunitários.

Ao lado do audiovisual, a escrita de sinais constitui outra possibilidade de registro. Mak e Verniano (2023, p. 180-183) discutem o SignWriting como sistema capaz de representar graficamente línguas de sinais. As autoras indicam que a articulação entre escrita de sinais e português pode oferecer diferentes caminhos de leitura e produção para sujeitos surdos.

Gomides *et al.* (2021, p. 1-3) analisam a presença do SignWriting em *Cinderela Surda*, destacando que o recurso integra uma obra que articula imagens, língua portuguesa e escrita da língua de sinais. Essa composição evidencia a possibilidade de construção de materiais multilíngues e multimodais que não precisam colocar a Libras em posição secundária.

Rosa (2006, p. 62) também destaca a importância de integrar desenhos, escrita de sinais e português em materiais literários. Para o

autor, o desenho favorece o aspecto visual, enquanto a escrita de sinais oferece outra possibilidade de relação com a língua e a leitura.

Essas diferentes materialidades mostram que não há oposição necessária entre tradição e tecnologia. Pelo contrário, tecnologias podem funcionar como instrumentos de preservação e recriação das tradições narrativas. A memória transmitida presencialmente pode ganhar novos suportes sem perder sua dimensão cultural.

A existência de produções literárias não garante, por si só, a formação de leitores. É necessário considerar as condições linguísticas, educacionais e culturais de acesso à literatura. Para sujeitos surdos, essas condições estão diretamente relacionadas à presença da língua de sinais nos processos de socialização e escolarização.

Gomides, Carvalho e Rocha (2021, p. 735-747) analisam trajetórias de dois professores surdos e mostram que a constituição do leitor é fenômeno social, cultural e identitário. As experiências com literatura não ocorrem isoladamente; relacionam-se às práticas familiares, escolares, comunitárias e profissionais.

Os autores destacam que a Libras ocupa posição central nas práticas de letramento literário. Isso não exclui a língua portuguesa, mas indica que o acesso pleno a uma língua visual possibilita estabelecer relações mais significativas com diferentes práticas de leitura.

Rosa (2006, p. 59-61) identifica desafios relacionados à ausência de materiais e à utilização de metodologias inadequadas para crianças surdas. Segundo o autor, materiais visuais, livros, imagens e narrativas em Libras podem contribuir para desenvolver interesse pela leitura e ampliar a construção de conhecimentos.

O contato com a literatura também favorece a ampliação do repertório cultural. Ao conhecer narrativas de sua própria comunidade e produções de outras tradições, o leitor surdo pode estabelecer relações, reconhecer diferenças e produzir interpretações próprias. Por isso, a literatura não deve ser compreendida apenas como apoio para exercícios linguísticos.

Sutton-Spence (2014, p. 111-128) oferece contribuição particularmente importante ao mostrar que o ensino de poesia sinalizada pode promover tanto conhecimento literário quanto desenvolvimento linguístico. A experimentação poética permite que crianças percebam possibilidades criativas da língua e expressem experiências que talvez não encontrem espaço em práticas escolares mais rígidas.

A formação do leitor surdo necessita, portanto, de ambientes nos quais a Libras seja reconhecida não somente como meio auxiliar de explicação, mas como língua de arte, pensamento, criação e produção de conhecimento.

A literatura infantil ocupa posição estratégica na discussão sobre identidade porque a infância é período no qual referências simbólicas e sociais participam intensamente da formação do sujeito. Para crianças surdas, encontrar personagens, línguas e experiências com as quais possam estabelecer identificação pode ampliar suas possibilidades de pertencimento e compreensão do mundo.

Pereira e Pinto (2023, p. 63-83) defendem que a literatura constitui direito de todos os povos, incluindo o povo surdo. Os autores relacionam literatura e humanização, argumentando que crianças surdas têm direito à fabulação e a produções que contemplem língua, cultura e identidade.

Esse argumento não significa transformar toda literatura destinada a crianças surdas em material didático. Pereira e Pinto (2023, p. 71-72) alertam precisamente para o risco de um excessivo utilitarismo. Quando uma obra tem como única finalidade ensinar uma lição sobre surdez, Libras ou comportamento, pode reduzir a abertura interpretativa característica da experiência literária.

A literatura precisa oferecer espaços de indeterminação nos quais o leitor possa produzir sentidos. Pereira e Pinto (2023, p. 80) destacam que obras mais complexas permitem que crianças construam percepções das personagens a partir de acontecimentos, imagens e experiências, sem que todas as interpretações sejam previamente determinadas pelo autor.

Essa discussão é relevante porque a literatura surda possui compromisso histórico com visibilidade, identidade e luta por reconhecimento. Entretanto, sua consolidação como campo artístico implica também afirmar a liberdade estética. Uma obra pode tematizar cultura e identidade surdas e, simultaneamente, apresentar ambiguidade, humor, fantasia, conflito, contradição e múltiplas possibilidades de interpretação.

Gomides *et al.* (2021, p. 1-3) demonstram que adaptações como *Cinderela Surda* possibilitam identificação cultural e linguística. Em tais narrativas, personagens surdos podem ocupar posições centrais, comunicar-se em língua de sinais e viver experiências que desafiam modelos tradicionais de representação.

Boldo e Schlemper (2018, p. 83-84) ressaltam que adaptações e criações surdas transformam elementos culturais da narrativa. O leitor não encontra apenas um personagem que possui uma determinada condição auditiva; encontra situações nas quais o mundo é reorganizado por valores, experiências e referências culturalmente surdas.

A literatura infantil surda pode, dessa maneira, desempenhar simultaneamente funções estéticas, culturais e formativas. O desafio consiste em garantir que a necessidade de representatividade não elimine a complexidade própria da criação literária.

As produções literárias constituem espaços privilegiados para observar formas pelas quais experiências sociais se transformam em discurso. Schlemper e Albres (2023, p. 23-46) analisam obras da literatura surda escrita e identificam marcas culturais ideológico-discursivas que revelam experiências recorrentes nas comunidades surdas.

Entre essas marcas aparecem sentimentos de famílias ouvintes diante da descoberta da surdez, isolamento linguístico, ausência de comunicação entre crianças surdas e familiares, descoberta da língua de sinais, contato com escolas, papel do intérprete, aprendizado da Libras por ouvintes, costumes comunitários e formação de relações mediadas pela língua de sinais (Schlemper; Albres, 2023, p. 33).

A presença dessas experiências demonstra que as obras carregam vestígios de contextos sociais concretos. A literatura reelabora a vida cotidiana, mas não se reduz a uma reprodução documental dela. A experiência é reorganizada esteticamente, selecionada e transformada em narrativa.

Esse processo é particularmente importante quando as experiências representadas foram historicamente desconhecidas por grande parte da sociedade. A literatura permite que leitores ouvintes tenham contato com perspectivas diferentes das representações tradicionais da surdez, ao mesmo tempo em que oferece aos leitores surdos possibilidades de reconhecimento.

Schlemper e Albres (2023, p. 23-24) ressaltam que tornar essas experiências conhecidas pode contribuir para que sejam respeitadas por sujeitos que não as vivenciam diretamente. Assim, a literatura cria possibilidades de diálogo intercultural sem apagar as diferenças.

A produção literária não deve, contudo, ser interpretada como retrato transparente de toda a população surda. Cada obra corresponde a um projeto autoral situado. As comunidades surdas são múltiplas, assim como são distintas as experiências representadas. A própria existência de marcas recorrentes deve ser compreendida como resultado de processos históricos e discursivos compartilhados, e não como demonstração de uma identidade essencial e uniforme.

Ao integrar os diferentes eixos discutidos, percebe-se que a literatura surda exerce papel de reconhecimento. O reconhecimento ocorre quando sujeitos encontram na produção artística elementos linguísticos, culturais ou experienciais capazes de estabelecer vínculos com suas trajetórias. Também ocorre quando a sociedade passa a reconhecer as comunidades surdas como produtoras de arte, literatura e conhecimento.

Karnopp (2006) associa a literatura de reconhecimento às necessidades de minorias linguísticas afirmarem tradições culturais e recuperarem histórias anteriormente reprimidas. Essa concepção ajuda a compreender por que a literatura ocupa posição tão significativa nos movimentos de afirmação cultural das comunidades surdas.

Gomides *et al*. (2021) utilizam a noção de (re)existência ao analisar *Cinderela Surda*. Reexistir, nesse contexto, significa não apenas resistir a representações que inferiorizam a diferença, mas produzir novas formas de existir discursivamente. A obra literária cria mundos nos quais a língua de sinais e a cultura surda não precisam justificar sua presença.

A literatura de resistência analisada por Desiderio e Jardim (2021) também participa desse movimento. A performance do slam confronta diretamente discursos de normalização e cria espaços públicos de afirmação linguística. A poesia transforma experiências de silenciamento em linguagem artística e participação coletiva.

Medeiros *et al.* (2021) demonstram que essa resistência pode ampliar-se para outras questões sociais. As literaturas surdas apresentam potencial para discutir diferentes formas de desigualdade e, assim, participar de debates mais amplos sobre direitos humanos e justiça social.

Nesse processo, identidade, memória, cultura e experiência visual não constituem dimensões isoladas. A identidade é produzida no interior de relações culturais; a cultura é transmitida e transformada pela memória; a memória é registrada em narrativas; e as narrativas surdas frequentemente são organizadas a partir de experiências visuais e linguísticas específicas.

A literatura surda encontra justamente nessa articulação sua maior força. Ao produzir esteticamente experiências que por muito tempo foram narradas por perspectivas externas, as comunidades surdas tornam visíveis outras maneiras de compreender a diferença e a linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite compreender a literatura surda como uma produção cultural complexa, vinculada à língua de sinais, às experiências visuais, às memórias coletivas, às identidades e às formas de participação social das comunidades surdas. Não se trata simplesmente de uma literatura que possui personagens surdos ou que tematiza a ausência de audição. Sua especificidade encontra-se sobretudo na possibilidade de produzir outras representações da pessoa surda e de construir narrativas nas quais língua, cultura, pertencimento e visualidade ocupam posições centrais.

Os estudos de Karnopp (2006; 2010) evidenciam que a literatura surda constitui importante espaço de autorrepresentação. Ao narrar suas próprias histórias, sujeitos surdos deslocam discursos historicamente estruturados a partir da deficiência e tornam visíveis experiências construídas em contextos linguísticos e culturais próprios. A língua de sinais aparece, nesse processo, não apenas como

instrumento comunicativo, mas como elemento constitutivo da produção estética.

Boldo e Schlemper (2018) mostram que identidade, cultura e experiência visual estão profundamente relacionadas às formas literárias produzidas pelas comunidades surdas. Os encontros comunitários e a transmissão de histórias entre gerações possibilitam preservar e transformar valores, crenças e memórias. A literatura funciona, nesse sentido, como espaço de continuidade cultural e simultaneamente de recriação.

A memória mostrou-se um eixo fundamental. Conforme evidenciado por Lemos e Romão (2023), as narrativas surdas possibilitam recuperar experiências que permaneceram durante muito tempo restritas à transmissão sinalizada e presencial. A ampliação dos registros audiovisuais e dos ambientes digitais modifica as condições de circulação dessas histórias, tornando possível construir arquivos de performances que preservam elementos linguísticos e corporais da língua de sinais.

A produção de memória também possibilita confrontar discursos históricos. As análises de Lebedeff e Madeira (2015) demonstram que textos de autores surdos de diferentes períodos revelam as representações disponíveis em seu contexto histórico. Desse modo, a literatura pode funcionar como fonte para compreender

transformações nos discursos sobre surdez, oralismo, língua de sinais e identidade.

A visualidade, por sua vez, revelou-se dimensão estruturante da literatura surda. Rosa (2006) demonstra que imagens, mídias e materiais linguisticamente adequados contribuem para a formação de leitores e para o registro da cultura. A experiência visual não deve ser reduzida a recurso pedagógico; ela participa da construção estética das obras.

Essa dimensão aparece de maneira ainda mais evidente na poesia em Libras. Lopes, Barbosa e Oliveira (2022) mostram que a poesia sinalizada mobiliza expressões faciais, corporalidade, espaço, ritmo, movimento e referências imagéticas. A literatura visual produz efeitos de recepção e permite desenvolver relações complexas entre poeta, obra e público.

As metáforas analisadas por Murta, Sales e Silva (2023) reforçam a capacidade da Libras de construir significados abstratos e poéticos por meios visuais. Tais produções demonstram que as línguas de sinais possuem recursos específicos para a expressão estética e que a criatividade literária se manifesta de acordo com características próprias de sua modalidade.

A poesia sinalizada também apresenta dimensão política. Sutton-Spence (2014) ressalta sua relevância para o desenvolvimento linguístico, cultural e emocional, enquanto Desiderio e Jardim (2021)

mostram que o slam surdo pode constituir literatura de resistência. Em tais performances, o corpo torna-se lugar de linguagem e de contestação das representações ouvintistas.

Medeiros *et al.* (2021) permitem ampliar essa reflexão ao mostrar que as literaturas surdas também abordam injustiças sociais, direitos humanos e diferentes experiências identitárias. Isso evidencia que a cultura surda não deve ser concebida de maneira isolada de outras relações sociais. Os sujeitos surdos participam de diferentes grupos e suas produções podem articular questões linguísticas, culturais, raciais, de gênero e de direitos.

A formação de leitores constitui outro aspecto essencial. Gomides, Carvalho e Rocha (2021) demonstram que práticas de letramento literário são processos sociais e históricos nos quais a Libras necessita ocupar posição significativa. A disponibilização de livros ou textos, isoladamente, não garante acesso à literatura. É preciso garantir ambientes linguísticos nos quais crianças, jovens e adultos surdos possam interagir, interpretar, criar e desenvolver repertórios literários.

No campo da infância, Pereira e Pinto (2023) chamam atenção para o direito da criança surda à literatura e à fabulação. Obras que apresentem língua, identidade e cultura surdas podem favorecer reconhecimento e pertencimento, mas não devem limitar-se a finalidades didáticas. O fortalecimento da literatura surda exige

também ampliar suas possibilidades estéticas, permitindo ambiguidades, imaginação, criatividade e liberdade interpretativa.

As adaptações literárias, como demonstram Gomides et al. (2021), representam uma das formas pelas quais narrativas já conhecidas podem ser reconstruídas a partir de experiências surdas. Quando alterações alcançam língua, personagens, conflitos e valores culturais, a adaptação deixa de ser simples tradução de conteúdos e passa a produzir novas formas de representação.

Conclui-se, portanto, que a literatura surda constitui patrimônio cultural e espaço de produção estética, linguística e política. Por meio dela, memórias podem ser preservadas, identidades negociadas, experiências visuais valorizadas e representações historicamente naturalizadas questionadas. A literatura possibilita que sujeitos surdos ocupem o lugar de narradores, poetas, leitores, personagens, produtores e críticos de sua própria cultura.

Ao reconhecer essas produções como literatura, amplia-se também a própria concepção do fenômeno literário. A literatura deixa de ser pensada exclusivamente pela materialidade da palavra impressa e passa a incluir corpos, imagens, movimentos, sinais, performances, vídeos e escritas visuais. Tal reconhecimento não significa criar uma literatura menor ou separada, mas compreender que diferentes comunidades produzem formas próprias de elaboração artística da experiência humana.

Nesse sentido, identidade, memória, cultura e experiências visuais constituem dimensões indissociáveis da literatura surda. As obras registram histórias e, simultaneamente, criam novas histórias; recuperam memórias e produzem novas possibilidades de futuro; afirmam pertencimentos e também permitem questioná-los. A literatura surda demonstra, em última instância, a capacidade das comunidades surdas de produzir conhecimentos, estéticas e narrativas fundamentadas em suas próprias formas de estar, perceber, significar e transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Literatura surda: uma questão de cultura e identidade. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 79-92, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/33416. Acesso em: 21 jul. 2026.

DESIDERIO, Themis Farias de França; JARDIM, Alex Fabiano Correia. Poesia slam surda: uma literatura de resistência. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 127-144, jul./dez. 2021. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1663. Acesso em: 24 jul. 2026.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; CAMPELLO, Ana Regina e Souza; SILVA, Erliandro Felix; FRANCIONI, William Velozo. Cinderela surda: aspectos políticos-identitários na literatura surda como obras de (re)existência. **Revista Educação Especial**, Santa

Maria, v. 34, 2021. DOI: 10.5902/1984686X65961. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/65961. Acesso em: 28 jul. 2026.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; CARVALHO, Gilcinei Teodoro; ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. Literatura surda e percursos sócio-históricos de formação de dois professores surdos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 60, n. 3, p. 735-747, set./dez. 2021. DOI: 10.1590/010318131107101152021102 5. Disponível em: https://doi.org/10.1590/010318131107101152021102 5. Acesso em: 31 jul. 2026.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em: https://edubase.sbu.unicamp.br/items/2bb86df4-ecba-4ad1-bfbe-b3170d6faae6. Acesso em: 3 ago. 2026.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1605. Acesso em: 5 ago. 2026.

KARNOPP, Lodenir Becker; POKORSKI, Juliana de Oliveira. Representações na literatura surda sobre modos de ser surdo. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. esp., p. 355-373, 2015. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29988. Acesso em: 7 ago. 2026.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; MADEIRA, Diogo de Souza. As crônicas de Jorge Sérgio L. Guimarães e as representações da surdez entre as décadas de 1950 e 1960. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do

Sul, v. 23, n. 3, p. 173-192, set./dez. 2015. DOI: 10.17058/rea.v23i3.6130. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6130. Acesso em: 9 ago. 2026.

LEMOS, Andrea Michiles; ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Narrativas surdas a partir da literatura surda produzida em Libras. Gláuks: **Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 47-62, 2023. DOI: 10.47677/GLUKS.V23I2.381. Disponível em: https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/381. Acesso em: 11 ago. 2026.

LOPES, Shisleny Machado; BARBOSA, Nayara Macedo Coelho; OLIVEIRA, Luizir de. Análise de poesia em Libras com base na teoria de experiência estética de Jauss. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporâne**a, Brasília, n. 65, e6506, 2022. DOI: 10.1590/2316-40186506. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2316-40186506. Acesso em: 13 ago. 2026.

MAK, Jessica Kwan Wah; VERNIANO, Marina Izar. Literatura surda: uma abordagem linguístico-literária. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 180-200, 2023. DOI: 10.47677/gluks.v23i2.386. Disponível em: https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/386. Acesso em: 15 ago. 2026.

MEDEIROS, Jonatas Rodrigues; SANTOS, Silvana Aguiar dos; SILVA, Gabriela Grigolom; SANTOS, Edvaldo Carmo dos. Injustiças sociais e direitos humanos nas literaturas surdas: olhares emergentes para saberes poéticos. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 6, e68740, 2021. DOI: 10.5216/RS.v6.68740. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/68740. Acesso em: 17 ago. 2026.

MURTA, Michelle Andrea; SALES, Luana Miglio; SILVA, Marcos Ataliba Ferreira da. Metáfora na Libras: elementos literários na produção surda. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 103-117, 2023. DOI: 10.47677/gluks.v23i2.380. Disponível em: https://doi.org/10.47677/gluks.v23i2.380. Acesso em: 18 ago. 2026.

PEREIRA, Josiane Santiago de Lima; PINTO, Aroldo José Abreu. Literatura surda para crianças: em busca da humanização em sentido profundo**. Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 63-83, 2023. DOI: 10.47677/gluks.v23i2.394. Disponível em: https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/394. Acesso em: 20 ago. 2026.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 58-64, jun. 2006. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/791. Acesso em: 21 ago. 2026.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; ALBRES, Neiva de Aquino. Marcas culturais ideológico-discursivas em obras da literatura surda escritas: experiências de vidas surdas. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 23, n. 2, p. 23-46, 2023. DOI: 10.47677/gluks.v23i2.390. Disponível em: https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/390. Acesso em: 22 ago. 2026.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. **Educar em Revista**, Curitiba, ed. esp. n. 2, p. 111-128, 2014. DOI: 10.1590/0104-4060.37018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-4060.37018. Acesso em: 22 ago. 2026.